

Gettin' Bi: a representação da bissexualidade masculina na série televisiva Crazy Ex-Girlfriend¹

Adriana Schryver KURTZ²

Fabiana Marsiglia THOMAS³

Escola Superior de Propaganda e Marketing de Porto Alegre – ESPM-POA

Resumo

O presente artigo analisa a representação da bissexualidade masculina na série televisiva estadunidense *Crazy Ex-Girlfriend*, exibida de 2015 a 2019, por meio do personagem Darryl Whitefeather, um advogado de meia idade que se descobre bissexual no decorrer da primeira temporada. Apesar de fazer uso de alguns estereótipos, a série representa a bissexualidade masculina como uma identidade natural e válida, além de tentar desmitificar alguns dos preconceitos relacionados aos homens bissexuais. Para chegar a essa conclusão, foi feita uma análise de conteúdo, a partir de uma pesquisa exploratória, bibliográfica e documental, com uma vertente qualitativa.

Palavras-chave: representação da bissexualidade, apagamento bissexual, ficção seriada, estereótipos, *Crazy Ex-Girlfriend*.

Introdução

Invisibilizada durante muito tempo, a bissexualidade está cada vez mais sob os holofotes, com diversos personagens em séries de TV e personalidades famosas se assumindo como bissexuais. No entanto, a representação da bissexualidade na mídia ainda é ínfima comparada à heterossexualidade e pequena diante de outras letras da sigla LBGTQIA+⁴. Além disso, o caminho para a visibilidade foi longo e, por mais que a representação tenha aumentado nos últimos anos, isso não significa que ela seja vista de uma maneira positiva. Um exemplo recente é o ator Lucas Pentead, que revelou ser bissexual no programa *Big Brother Brasil*, em fevereiro de 2021 e foi hostilizado por diversos participantes, até mesmo por aqueles que se consideram membros da

¹ Trabalho apresentado no GP Ficção Seriada, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista, Doutora em Comunicação e Informação pela UFRGS, professora da ESPM-POA, líder do Grupo de Pesquisa CNPq “Teoria e Prática no Jornalismo” e Coordenadora do Núcleo de Estudos em Jornalismo do Curso de Jornalismo (NEJOR/ESPM-POA), e-mail: akurtz@espm.br

³ Bacharel em Comunicação Social, com ênfase em Jornalismo, pela ESPM-POA, e-mail: fabim.thomas@hotmail.com

⁴ Sigla utilizada para se referir a lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis, transgêneros, queer, intersexuais, assexuais e mais. Conforme Lins, Machado e Escoura (2016), o movimento está em contínuo processo de mudança, e as letras se modificam (ou são adicionadas) de acordo com o momento político no qual a sociedade se encontra.

comunidade LGBTQIA+. O inusitado preconceito sofrido por Penteados pode ser explicado pela teoria de Giddens (1992) de que a dificuldade que a sociedade tem de entender a bissexualidade acontece porque esta orientação sexual aparenta ser uma mistura da homossexualidade e da heterossexualidade, o que comprova que a sexualidade pode se manifestar por diferentes caminhos e que não existem apenas duas possibilidades de relacionamentos afetivo-sexuais.

Para falar sobre bissexualidade – e sexualidade no geral – é preciso primeiro entender o conceito de gênero, que vai muito além do sexo biológico. De acordo com Lins, Machado e Escoura (2016), o sexo biológico é o referencial do corpo da pessoa; ou seja, seu órgão genital e sua combinação genética ou hormonal. Já a identidade de gênero é um conceito muito mais complexo. Para Deschamps e Singer (2017), ela se refere ao senso interno de masculinidade ou feminilidade que uma pessoa tem. Quando crianças, logo percebemos que o mundo é dividido entre feminino e masculino e que, teoricamente, é preciso estar em um dos dois lados. Como Lins, Machado e Escoura (2016) fazem notar, o gênero é um dispositivo cultural que classifica a sociedade a partir da relação entre o que se entende como feminino e masculino.

A sociedade vem sendo pautada, há muito tempo, por papéis de gênero que exercem uma força sobre a vida cotidiana dos indivíduos e criam expectativas a respeito de como as pessoas devem agir, pensar e amar. Lins, Machado e Escoura (2016) referem que associar um comportamento específico a um grupo de pessoas de acordo com o seu gênero acaba criando estereótipos, como a falsa crença de que diferenças biológicas explicam e justificam, inclusive, diferenças de comportamento. As normas de gênero, de acordo com os autores, limitam as possibilidades que as pessoas têm de existir no mundo.

O mesmo acontece em relação à orientação sexual dos indivíduos. Afinal, gênero e sexualidade são questões intrínsecas. Ao contrário de gênero, que basicamente determina quem uma pessoa é, a orientação sexual diz respeito a por quem ela se sente atraída, seja fisicamente, romanticamente ou emocionalmente. A sociedade espera que homens sintam atração romântica e sexual apenas por mulheres, e vice-versa. Entretanto, Lins, Machado e Escoura (2016) sustentam que tais expectativas não são realistas. Uma pessoa pode se sentir atraída por pessoas do gênero oposto (heterossexual), do mesmo gênero (homossexuais) ou de todos os gêneros (bissexuais). Todavia, conforme Deschamps e Singer (2017), a sociedade é predominantemente composta por um sistema

binário de gênero (masculino e feminino) e orientação sexual (homossexual e heterossexual), e possibilidades não-binárias acabam sendo esquecidas ou hostilizadas.

Diante disso, denominam-se bissexuais pessoas que sentem atração física, romântica ou emocional por mais de um gênero. Contudo, como já mencionado, a sexualidade, na maioria das vezes, é organizada a partir de dois pólos marcados, a hetero e a homossexualidade, e cada um desses pólos possui identidades bem definidas. Apesar do grande interesse em estudar-se as diferentes formas de sexualidade, Angelides (2001) acredita que a bissexualidade representa um ponto cego nas pesquisas e é menos discutida se comparada a outras orientações sexuais.

Surge, assim, o termo “apagamento bissexual”, postulado pela primeira vez por Kenji Yoshino. Apresentando um seminário sobre Orientação Sexual e a Lei, na Universidade de Yale, o professor percebeu que os alunos – e até mesmo ele – acabavam usando, na maioria das vezes, apenas a classificação monossexual (os termos “hetero” e “homo”), quando falavam sobre orientação sexual. Segundo Yoshino (2000), o apagamento bissexual é o costume de esquecer, ignorar, silenciar ou, até mesmo, negar a existência da bissexualidade em registros históricos, materiais acadêmicos e meios de comunicação, informação e entretenimento.

De fato, é possível perceber a falta de representatividade – ou mesmo a simples invisibilidade - da bissexualidade na mídia. Apesar de pessoas bissexuais serem maioria dentro da comunidade LGBTQIA+, segundo Deschamps e Singer (2017), pouco se ouve falar sobre essa orientação sexual na televisão, cinema e veículos impressos. De acordo com Douglas Kellner (2001), a mídia é um dos grandes instrumentos de mudança da sociedade e deve ser usada pelos movimentos sociais, pois contribui para moldar o caráter e a identidade do ser humano, bem como suas crenças e preconceitos.

O rádio, a televisão, o cinema e os outros produtos da indústria cultural fornecem os modelos daquilo que significa ser homem ou mulher, bem-sucedido ou fracassado, poderoso ou impotente. A cultura da mídia também fornece o material com que muitas pessoas constroem o seu senso de classe, de etnia e raça, de nacionalidade, de sexualidade, de ‘nós’ e ‘eles’. Ajuda a modelar a visão prevalecente de mundo e os valores mais profundos: define o que é considerado bom ou mau, positivo ou negativo, moral ou imoral. (KELLNER, 2001, p.9).

Grande parte do entretenimento da mídia atual ocorre por meio dos programas de televisão, que são importantes agentes da criação de estereótipos e da identidade

contemporânea. As séries televisivas são um fenômeno social que invadiu a vida das pessoas. Segundo Esquenazi (2011), elas são acompanhadas por todas as classes sociais e etárias, sendo parte integrante do cotidiano das sociedades. O autor aponta que “a sensibilidade dos fãs à intimidade leva hoje as séries a surgirem como um dos instrumentos privilegiados da exploração de identidades minoritárias”. (ESQUENAZI, 2011, p.139). Ainda segundo o mesmo autor, a ambição das séries estadunidenses não se compara com a de nenhum outro país, sendo mais avançadas em diversos assuntos, incluindo questões de gênero e sexualidade.

O aumento da representação de personagens LGBTQIA+ na mídia, segundo Deschamps e Singer (2017), causou um grande impacto na sociedade norte-americana. Contudo, apesar de personagens *gays* e lésbicas possuírem uma certa representatividade na televisão, o caso da bissexualidade é diferente. Os autores contam que um dos primeiros personagens em uma série de TV foi Jody Dalas, de *Soap*. O personagem começa se identificando como *gay*, até que se apaixona por uma mulher. Entretanto, ele ainda é reconhecido pelo público como homossexual, não bissexual. Como bem nota Eisner (2013), poucos personagens em séries televisivas são identificados como bissexuais, mesmo quando apresentam características relacionadas à bissexualidade. Além disso, a maior parte desses personagens são representados de uma maneira estereotipada.

O *GLAAD Annual Report*, denominado *Where We Are on TV* (Onde Nós Estamos na TV), é um estudo que analisa a quantidade de personagens LGBTQIA+ na televisão norte-americana. De acordo com o relatório, é importante que o entretenimento reflita o mundo no qual é criado, por isso a inclusão de bissexuais é tão necessária. No entanto, por muito tempo, não foi isso que aconteceu. Em 2015, por exemplo, de 881 personagens em séries televisivas, apenas doze eram mulheres bissexuais. Para homens bissexuais, o número era ainda menor: somente dois personagens. No entanto, uma série chegou para mudar esse cenário: *Crazy Ex-Girlfriend*.

Com quatro temporadas, exibidas pela emissora *The CW* de outubro de 2015 a abril de 2019, *Crazy Ex-Girlfriend* conta a história de uma advogada que abandona seu emprego em Nova York para ir atrás de um antigo romance na Califórnia. A série de comédia musical conta com um personagem particularmente raro no contexto da mídia *mainstream*: Darryl Whitefeather, interpretado por Pete Gardner, um advogado de meia-idade que se descobre bissexual ao longo da primeira temporada. Inicialmente, Darryl

não era um personagem considerado muito especial para o público, mas a descoberta da sua sexualidade fez com que ele se tornasse a estrela revelação do seriado.

O presente artigo, uma versão reduzida da pesquisa *A representação da bissexualidade feminina e masculina nas séries de TV norte-americanas Glee e Crazy Ex-Girlfriend*⁵, vai defender a tese de que, apesar de fazer uso de alguns estereótipos comumente associados a pessoas bissexuais, *Crazy Ex-Girlfriend* vai na contramão de diversos mitos e preconceitos sobre a bissexualidade, representando Darryl de uma maneira autêntica e positiva. O programa foi um marco importante para a comunidade LGBTQIA+ e abriu caminho para que a bissexualidade fosse cada vez mais retratada em séries de TV e na mídia em geral.

Para isso, o estudo adota uma vertente de pesquisa qualitativa, considerada a forma de pesquisa mais crítica e potencialmente emancipatória por Bauer, Gaskell e Allum (2002). O tipo de pesquisa é a exploratória, que permite que o pesquisador encontre uma lacuna nos estudos sobre o assunto, de acordo com Moura e Lopes (2016). Por fim, a técnica de coleta de dados é a bibliográfica e documental, e a técnica de análise é a de conteúdo, que se refere à tentativa de evidenciar as relações existentes entre o fenômeno estudado e outros fatores, segundo Marconi e Lakatos (2003).

A partir da análise de 12 cenas de *Crazy Ex-Girlfriend*, foi possível perceber alguns padrões representacionais e dividi-los em três categorias. A primeira mostra Darryl descobrindo sua bissexualidade. As cenas retratam o apagamento bissexual presente na sociedade, mas aproveitam os estereótipos para promover a visibilidade e informar o público sobre a bissexualidade, estimulando um debate sobre essas questões. A segunda categoria conta com sequências que representam Darryl como uma pessoa confusa, frágil e indecisa, características frequentemente atribuídas aos homens bissexuais. Já a terceira categoria performa situações nas quais a bissexualidade de Darryl é tratada como algo natural e aceita como uma orientação válida.

Gettin' Bi

As cinco primeiras cenas analisadas apresentam Darryl descobrindo que é bissexual e como ele e os outros personagens de *Crazy Ex-Girlfriend* lidam com isso. Na

⁵ Trabalho de Conclusão de Curso de Fabiana Marsiglia Thomas, orientado pela Prof.^a Dra. Adriana Schryver Kurtz e submetido à banca junto à Escola Superior de Propaganda e Marketing – ESPM-POA, no curso de Jornalismo, em julho de 2020.

primeira temporada da série, logo depois de se divorciar de sua esposa, Darryl se interessa por um homem pela primeira vez na vida. No episódio 12, o advogado está na academia com seu *personal trainer* White Josh. O clima entre os dois aparenta estar estranho por conta de um beijo que Josh deu na bochecha de Darryl alguns dias antes. Até o beijo na bochecha, o advogado pensava ser heterossexual, pois esta afinal era a norma; ou seja, o que ele (re)conhecia como sendo “normal” ou “natural”. Entretanto, com o beijo, ele percebeu que sentiu algo diferente por outro homem e passou a se questionar.

Darryl pergunta qual foi o motivo do beijo e Josh responde que é *gay* e achou Darryl fofo. Irritado, Darryl fala que o apelido dele deveria ser Gay Josh, em vez de White Josh - assim todos saberiam que ele é homossexual. Josh responde: “Por quê? Ninguém te chama de Old Gay Darryl⁶”, automaticamente supondo que ele é homossexual. Neste trecho, fica claro um dos aspectos do apagamento bissexual explicado por Yoshino (2000): a insistência em dividir as pessoas entre heterossexuais e homossexuais. Se um homem apresenta interesse por outro homem, imediatamente assume-se que ele é *gay*.

Darryl, confuso, diz que não é um *gay* velho, nem ao menos *gay*. Josh pede desculpas e diz que Darryl aparenta ser *gay*. O advogado, então, parece se sentir ofendido com o fato de White Josh pensar que ele é homossexual e cita diversas coisas que gosta em mulheres, para garantir que se sente atraído pelo sexo feminino. Contudo, quando Josh diz que Darryl realmente parece ser heterossexual, ele se sente desconfortável, não querendo se definir como homo, tampouco como hétero. Entretanto, o personagem não pensa na possibilidade de ser bissexual, postura que, segundo Yoshino (2000), é comum, pois as pessoas costumam dividir o mundo em um sistema binário, sem sentir que está faltando uma – potencial - possibilidade importante.

Darryl encontra White Josh e diz que não vai mais treinar com ele, pois na sua nova aula as pessoas não supõem coisas sobre as outras – se referindo ao fato de Josh pensar que ele fosse *gay*. Ironicamente, Josh responde que não existe melhor maneira de provar que Darryl é heterossexual do que fazendo uma aula de mambo, querendo dizer, na verdade, que a dança é uma atividade considerada feminina, por conta de padrões impostos pela sociedade. Durante a aula, Darryl percebe que se sente atraído tanto pelos homens quanto pelas mulheres da turma, percebendo, finalmente, a opção que costuma ser invisível: ele *pode* ser bissexual.

⁶ *White* significa branco. Quando Darryl diz que ele deveria se chamar Gay Josh, para que todos saibam que ele é *gay*, Josh responde que ninguém chama ele de Old Gay Darryl. *Old* significa velho.

Momentos depois, o advogado vai ao encontro de Josh para dizer que realmente não é *gay*, mas que gosta de ambos os sexos. Ele diz que é “ambissexual”, e que é muito bom poder falar em voz alta. Percebe-se que Darryl não sabe qual termo utilizar para expressar a sua bissexualidade. A cena coloca em evidência o fato de que a bissexualidade é muito pouco discutida e, muitas vezes, acaba sendo esquecida ou agrupada juntamente com a homossexualidade. Entretanto, o alívio de Darryl por finalmente encontrar a sua identidade é notável. White Josh o corrige, dizendo que o termo é bissexual, e os dois se beijam. É importante destacar que Josh explica para Darryl que o termo correto é “bissexual”, dando visibilidade à orientação.

Já no episódio 13 da primeira temporada, Darryl conversa com White Josh do lado de fora de um tribunal. O advogado, então, grita que é bissexual, em uma altura que todos que estão na rua conseguem ouvir. A sequência mostra o personagem se livrando de seus medos e preconceitos internos. Eisner (2013) defende que a bissexualidade ameaça a norma da sexualidade, apresentando um imenso potencial subversivo. Esse potencial é representado quando Darryl grita para quem quiser ouvir que é bissexual e vai sair com um homem *gay*, recusando a ordem estabelecida e legitimando sua orientação sexual.

A quinta cena revisitada pode ser considerada uma das mais relevantes. No episódio 14, Darryl organiza uma reunião com os funcionários da sua empresa para contar que é bissexual. Antes de revelar seu “segredo”, ele diz que está muito feliz e extremamente orgulhoso da sua nova versão. A encenação se transforma em um número musical denominado *Gettin’ Bi*⁷, por meio do qual Darryl tenta desmitificar algumas crenças sobre a bissexualidade. Vale ressaltar que, de acordo com Eisner (2013), o movimento bissexual costuma ser liderado por mulheres. Um homem representando o movimento em uma série televisiva pode ser considerado um grande avanço.

É sugestivo notar que tanto na sequência fílmica do escritório quanto na qual performa uma música em cima de um palco, Darryl veste uma camisa roxa – cor associada ao movimento bissexual. O advogado inicia a canção dizendo que gosta de homens e de mulheres: “*I don’t know how, I don’t know why. But I like ladies and I like guys*”. Eisner (2013) diz que reduzir a bissexualidade a uma atração por apenas dois gêneros é um

⁷ A tradução de *gettin’ bi* é complicada, pois em inglês ela tem a mesma pronúncia de *getting by*, expressão usada no sentido de “vou levando”. A frase é muito utilizada quando perguntam como alguém está. Na música, é feito um trocadilho com a expressão. Darryl usa a similaridade de sons entre as duas frases para dizer que descobriu que é bissexual. Em português, o trocadilho perde o efeito.

pensamento transfóbico. Entretanto, Darryl tenta explicar a sua sexualidade de uma maneira mais didática e certamente lúdica, o que impede uma discussão mais aprofundada sobre a transfobia. O personagem reforça que sente orgulho em ser bissexual e vai levantar sua bandeira: é quem ele é, ele não pode negar e não tem motivo para se esconder: *“I’m letting my bi flag fly. Not gonna hide it, not gonna lie. I’m a bi kinda guy, there’s no reason to be shy”*.

Em seguida, Darryl aponta o típico estereótipo de que a bissexualidade não existe e homens que se consideram bissexuais são, na verdade, homossexuais. No entanto, ele diz que não é verdade, pois a bissexualidade é legítima: *“Now some may say ‘oh you’re just gay, why don’t you just go way all the way?’ But that’s not it, ‘cause bi’s legit.”* Nos próximos versos da música, Darryl diz que ser bissexual não significa que você é um pegador ou uma vagabunda, fazendo menção ao estereótipo de que bissexuais são pessoas promíscuas. Ele tenta acabar com essa visão, dizendo que “vai com calma” antes de se envolver sexualmente com alguém.

No meio da canção, Paula, uma das advogadas do escritório de Darryl, diz “Por favor, faz ele parar”. Essa frase, assim como a expressão entediada e desconfortável no rosto dos outros colegas de trabalho, parece demonstrar que eles não estão muito interessados no que Darryl tem a dizer. Talvez por preconceito, por achar que a bissexualidade não precisa ser discutida ou, até mesmo, por medo. Garber (2000) defende que ser bissexual é se recusar a apenas uma forma de amar, e que pessoas monossexuais se sentem ameaçadas por isto, pois significa que o sexo de alguém não importa tanto quanto eles gostariam que importasse. Já para Yoshino (2000), monossexuais almejam manter a ordem estável de um sistema binário, por isso ignoram a bissexualidade.

No final do número musical, Darryl esclarece que quer desmitificar algumas suposições sobre bissexuais. Ele nega alguns dos estereótipos frequentemente associados a pessoas bissexuais, dizendo que não é uma fase, que ele não está confuso ou indeciso e que não precisa escolher entre um gênero e outro: *“I’m gettin’ bi and it’s something I’d like to demystify. It’s not a phase, I’m not confused. Not indecisive, I don’t have the ‘gotta choose’ blues.”*

Após o número musical, Darryl percebe que seus funcionários não aparentam estar satisfeitos e pergunta se os advogados ficaram incomodados pelo fato de ele ser bissexual. Afinal, qualquer coisa que fuja da heteronormatividade compulsória presente na sociedade é motivo de preconceito e julgamento. Um dos funcionários, contudo, diz

que eles estão incomodados pelo fato de Darryl ter marcado uma reunião só para falar sobre a sua sexualidade, pois é algo que não precisa de tanta atenção e explicação. No entanto, a cena evidencia que é importante para Darryl debater sobre a sua sexualidade, pois ele faz parte de um grupo que é constantemente julgado e estereotipado, como Eisner (2013) menciona.

Darryl pergunta se alguém tem alguma dúvida sobre o assunto, e o mesmo advogado que disse estar incomodado com a reunião, pergunta se ele tem certeza de que não é apenas *gay*. Esse trecho demonstra a dificuldade que a sociedade tem em aceitar uma sexualidade que, segundo Seffner (2013), questiona os conceitos da heterossexualidade e da homossexualidade. De acordo com Deschamps e Singer (2017), um dos principais estereótipos em relação à bissexualidade é o de que ela é somente o caminho para se assumir como abertamente homossexual. Eisner (2013) explica que a crença de que uma pessoa deve se sentir atraída apenas por um sexo é justamente o que causa a bifobia. Além disso, acreditar que uma pessoa que tem contato sexual com um pênis se sentirá atraída apenas por homens é uma ideia falocêntrica, que reforça o machismo e o estereótipo de superioridade masculina.

No final da cena, inspirada pela coragem de Darryl, uma das suas funcionárias revela que também é bissexual, mostrando como debater sobre o assunto incentiva outras pessoas a não terem vergonha de assumir quem elas são de verdade. Isso é especialmente importante no caso da bissexualidade, pelo fato mencionado por Seffner (2003) de que esta orientação, muitas vezes, é vivenciada como inferior por não fazer parte de uma cultura hegemônica. Como bem nota Garber (2000), muitos bissexuais se descrevem como isolados tanto da comunidade LGBTQIA+ quanto do privilégio heterossexual.

Além disso, outro ponto importante é que, segundo Eisner (2013), não é possível fazer uma análise completa da bissexualidade sem levar em consideração questões de gênero. Seffner (2003) lembra que a bissexualidade masculina é considerada uma minoria na sociedade por não ter uma representação social e cultural. O autor explica que não se sabe exatamente o número de homens bissexuais presentes na sociedade, porque muitos estudos os agrupam com os homossexuais. Por isso, é muito significativo ver um personagem masculino abertamente bissexual em um programa de TV.

Estereótipos da bissexualidade

As próximas três cenas analisadas apresentam algumas das inseguranças de Darryl e características que podem ser consideradas estereótipos da bissexualidade. No quinto episódio da segunda temporada de *Crazy Ex-Girlfriend*, o personagem vai a um festival de música com seu namorado, White Josh. Lá, encontra sua amiga Rebecca e revela que está chateado porque percebeu que Josh costuma sentir-se atraído por homens mais velhos. Ele diz que parece que Josh tem um fetiche, e Rebecca aponta que isto é algo normal. Darryl, inseguro, responde que não tem um fetiche, um tipo e nem ao menos um gênero de preferência. O trecho demonstra as pressões que bissexuais sofrem para se encaixar em um dos lados do binário heterossexual/homossexual. Darryl se sente inferior por não preferir apenas um gênero. Segundo Eisner (2013), as discriminações contra bissexuais contribuem não apenas para a falta de visibilidade política deste grupo, como também para a saúde mental dos indivíduos. No final da cena, Rebecca diz que Darryl é muito especial, apoiando o amigo e demonstrando não ter nenhum preconceito com a sua orientação sexual.

No décimo episódio da segunda temporada, Darryl se sente culpado por ter vendido parte do seu escritório de advocacia para Nathaniel e tenta recuperar o poder, já que o novo sócio está aterrorizando seus funcionários e tirando sua autoridade. Ele escolhe a roupa perfeita para a ocasião e garante aos seus funcionários que ainda é importante, gritando: “Eu não sou um fantoche de meia emasculado⁸”. Paula diz que ninguém falou aquilo, e Darryl insiste que ouviu alguém falar. De fato, ninguém tinha falado, foi algo que ele mesmo projetou por conta das suas inseguranças.

Depois disso, Darryl entra na sala de Nathaniel e vai embora logo em seguida, sem coragem de intimá-lo. Na cena seguinte, em um momento sozinho, Darryl segura as lágrimas e diz para si mesmo: “Não chore, seu fantoche de meia emasculado”. Além de fazer menção à emasculação mais uma vez, o trecho mostra Darryl tentando não chorar, fazendo alusão à crença de que choro é coisa de mulher. Yoshino (2000) observa que o mundo dita que a única forma de ser um homem “de verdade” é se identificando como heterossexual e sentindo atração apenas por mulheres, o que Seffner (2003) chama de masculinidade heterossexual hegemônica. Sujeitos que fazem parte desse grupo – como o novo sócio do escritório de Darryl – costumam possuir privilégios e, por causa deles, uma maior chance de sucesso pessoal e profissional.

⁸ Emasculação é o processo de castração, no qual a genitália externa masculina é removida.

Ainda segundo Seffner (2003), homens bissexuais são inferiorizados, pois a heterossexualidade é essencial para a masculinidade hegemônica. No entanto, Eisner (2013) refere que o requisito indispensável é ser monossexual. De acordo com a autora, homens homossexuais demonstram decisão e estabilidade ao sentirem-se atraídos apenas por um sexo, o que faz com que eles garantam a sua masculinidade. Já os bissexuais apresentam instabilidade, indecisão e confusão, características normalmente associadas às mulheres. Uma possível leitura das duas cenas, considerando o contexto de Darryl como homem bissexual, é que ele se sente inferior e menos masculino por conta de sua orientação sexual.

De acordo com Lins, Machado e Escoura (2016), geralmente, mulheres são vistas como fracas e sensíveis, e homens como frios e valentes. Espera-se que os homens sempre assumam o papel de dominante, independentemente de suas personalidades. Algumas das expectativas de gênero impostas aos homens são o uso da força e a recriminação de demonstrações de afeto e emoção, imposições sociais que Darryl claramente não segue. O personagem, então, apresenta características que fazem parte dos estereótipos das normas de gênero associadas ao sexo feminino. Assim, homens que não correspondem às expectativas de gênero costumam se deparar com angústia e sofrimento ao longo de suas vidas, questões que podem ser percebidas observando as inseguranças que Darryl possui.

A próxima cena analisada, exibida no episódio 15 da quarta temporada, mostra Rebecca perguntando se Darryl já teve dificuldade em tomar uma decisão. Darryl responde que sofre tanto com a sua indecisão que acabou criando um estudo sobre como comparar opções. O trecho remete ao estereótipo de que bissexuais são pessoas indecisas. Como destacado por Eisner (2013), essa crença é ainda mais forte em homens bissexuais, pois eles são considerados menos masculinos pelo fato de não conseguirem escolher entre um sexo e outro. A autora refere que ser forte, decidido e gostar apenas de mulheres são características essenciais para ser considerado um homem de verdade.

As cenas acima analisadas apresentam Darryl com características tradicionalmente consideradas femininas. Esse retrato pode significar tanto um reforço do estereótipo social quanto um rompimento das normas, dependendo da interpretação. Por um lado, suas características pouco masculinas podem estar relacionadas ao fato de que bissexuais do sexo masculino são considerados “menos homem”. Por outro, podem demonstrar uma aversão às normas de gênero e à crença de que existe apenas uma forma

de ser homem (ou mulher), mostrando que atributos de personalidade não estão, necessariamente, relacionados ao sexo biológico da pessoa, e que um homem pode chorar e ser sensível – e continuar sendo homem.

Uma identidade válida e natural

Por fim, o padrão notado nas últimas três cenas analisadas é a bissexualidade sendo representada como uma identidade válida e natural. Durante a terceira temporada de *Crazy Ex-Girlfriend*, Darryl decide ter uma filha sozinho. Então, ele procura uma barriga de aluguel para que seja possível fazer uma fertilização *in vitro*. No oitavo episódio da temporada, Darryl vai até uma clínica fazer um exame de fertilidade. Uma funcionária lhe entrega uma revista erótica feminina, automaticamente assumindo que ele é heterossexual. Darryl pergunta se ela tem alguma revista masculina. A mulher diz que sim e tenta pegar de volta a revista feminina, mostrando a restrição binária já mencionada diversas vezes neste artigo. A sequência evidencia o monossexismo apontado por Yoshino (2000): se uma pessoa não é heterossexual, imediatamente supõe-se que ela é homossexual.

No decorrer da cena, Darryl diz à funcionária da clínica que gostaria de ficar com as duas revistas. Ela responde que não tem problema, sem questioná-lo, e Darryl agradece o profissionalismo da moça. Num primeiro momento, temos uma clássica representação do apagamento bissexual, no qual as pessoas sequer se recordam que a bissexualidade existe. Contudo, ao ser lembrada por Darryl de que uma pessoa pode sentir-se atraída por mais de um sexo, a mulher não faz nenhum questionamento, sem demonstrar preconceito contra a bissexualidade e nem duvidar se ela, de fato, existe.

No quinto episódio da segunda temporada da série, Darryl leva a filha Madison para conhecer seu namorado. Ao apresentar White Josh para Madison, ele o chama de “amigo”, demonstrando receio em apresentar um homem como seu parceiro romântico. Nervoso, Josh presenteia Madison com um caramujo de pelúcia, e a menina diz que gosta mais de pégasos. White Josh, então, fala que vai devolver o caramujo e comprar um pégaso de pelúcia. Madison responde que eles podem comprar o pégaso e ficar, também, com o caramujo. A cena é uma clara alusão ao fato de que se pode gostar de mais de uma coisa ao mesmo tempo e que não é preciso decidir entre uma e outra. A reação de Josh em trocar um brinquedo por outro não deixa de fazer referência à restrição binária presente na sociedade, na qual supõe-se que uma pessoa só pode gostar de uma coisa *ou*

outra. Já a vontade de Madison de ficar com ambos os bonecos de pelúcia pode demonstrar uma aceitação em relação à sexualidade do pai. Percebe-se que a menina, apesar de ser uma criança, compreende que White Josh é mais que um “amigo”. Inclusive, no final da sequência, ela diz ao pai que gostou do seu namorado.

A última cena selecionada acontece mais de um ano depois do trecho analisado anteriormente. No episódio 13 da quarta temporada, já solteiro, depois de ter terminado seu relacionamento com White Josh, Darryl conhece uma mulher chamada April e se encanta por ela. Madison percebe que seu pai está interessado romanticamente por uma mulher e apoia o relacionamento dos dois. Por anos, a menina viu o pai se relacionar com a sua mãe. Quando Darryl começou a namorar White Josh, Madison não questionou o gênero do seu parceiro. Por fim, ao ver que o pai se interessou por uma mulher, a menina também não fez nenhum comentário a respeito. Isso mostra, mais uma vez, que Madison compreende (e aceita) o fato de que seu pai gosta de pessoas independentemente de qual for o seu gênero. Tal como postulou Eisner (2013), bissexuais não precisam, necessariamente, se sentir atraídos por pessoas de mais de um gênero ao mesmo tempo. A questão foi bem construída em *Crazy Ex-Girlfriend*, o que possibilitou que a bissexualidade de Darryl fosse representada, em dois relacionamentos duradouros tanto com um homem quanto com uma mulher, em temporadas diferentes.

Considerações finais

Esta reflexão se propôs a discutir e dar visibilidade a um tema frequentemente silenciado. Como já mencionado, identidades que não têm espaço na mídia são, em sua maioria, esquecidas ou tratadas com desconhecimento e/ou preconceito. Por isso, é essencial promover um debate sobre o assunto. Para além de serem homens ou mulheres, pessoas bissexuais são seres humanos e merecem respeito e visibilidade.

Com a pesquisa, foi possível chegar à conclusão de que o retrato da bissexualidade masculina em *Crazy Ex-Girlfriend* abriu caminho para uma representação cada vez mais positiva na mídia. Algo notável é o fato de a orientação sexual de Darryl ser tratada com muita naturalidade, não como uma fase ou uma crise de meia-idade. Além disso, Darryl sente muito orgulho de ser quem ele é e se esforça para desmitificar diversas crenças limitantes sobre a bissexualidade.

A série foi uma das pioneiras em trazer um personagem homem bissexual e, como já dito, na época de seu lançamento existiam apenas dois personagens bissexuais

masculinos regulares e/ou recorrentes em séries de TV norte-americanas. No momento em que se escreve este artigo, em pleno ano de 2021, o número é cinco, o que mostra que ainda existe um longo caminho pela frente em busca de visibilidade e aceitação. (GLAAD ANNUAL REPORT, 2021). A narrativa de Daryl enquanto homem bissexual sem dúvida contribuiu positivamente para a visibilidade da comunidade bissexual. Lembremos, com Seffner (2003), de que a bissexualidade masculina é uma minoria principalmente pelo fato de não possuir representação social e cultural. Por isso, é muito importante que existam representações de homens bissexuais de meia-idade na mídia, o que *Crazy Ex-Girlfriend* atinge com êxito.

Apesar de majoritariamente positiva, a representação de Darryl repisa alguns estereótipos relacionados à bissexualidade masculina, como insegurança, fragilidade e indecisão. Como mostrou Eisner (2013), os estereótipos acerca da bissexualidade são reforçados não somente pela sociedade, mas também pelos meios de comunicação. Por serem carregados de preconceitos, o movimento bissexual, na maioria dos casos, enxerga os estereótipos como algo negativo. Mas Eisner (2013) também adverte que a negação absoluta dos estereótipos cria uma imagem única sobre as pessoas bissexuais que, não necessariamente, é real para todos os indivíduos que se encaixam nesta orientação sexual. Paradoxalmente, negar completamente os estereótipos pode acabar excluindo algumas pessoas. Conforme sugere Eisner (2013), eles existem justamente para que seja possível debater sobre seus motivos e suas origens, o que *Crazy Ex-Girlfriend* faz com sucesso.

Para finalizar esta reflexão, convém ressaltar o poder que a bissexualidade masculina tem de romper com a noção de que só existe uma maneira de ser homem. Para isso acontecer, diz Eisner (2013), os homens bissexuais precisam reconhecer seus privilégios e utilizá-los justamente para sair do patriarcado, uma estrutura que, afinal, machuca pessoas de todos os sexos, incluindo as do sexo masculino, quando estas não se encaixam no papel de forte e opressor. Romper com esse sistema que a todos oprime começaria por abandonar alguns preconceitos e aceitar que a bissexualidade não é apenas uma fase e que pessoas que se identificam com esta orientação sexual não são, necessariamente, confusas, indecisas ou promíscuas. A presença de personagens bissexuais em séries televisivas e na mídia, em geral, é essencial para estimular um debate esclarecido sobre o tema. Afinal, diálogo e visibilidade são os primeiros passos para uma revolução.

Referências bibliográficas

- ANGELIDES, Steven. **A History of Bisexuality**. Chicago: The University of Chicago Press, 2001.
- BAUER, Martin; GASKELL, George; ALLUM, Nicholas. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento – Evitando confusões. In: BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.
- DESCHAMPS, David; SINGER, Bennett. **LGBTQ Stats: lesbian, gay, bisexual, transgender, and queer people by the numbers**. Nova York: The New Press, 2017.
- EISNER, Shiri. **Bi: Notes for a Bisexual Revolution**. Berkeley: Seal Press, 2013.
- ESQUENAZI, Jean-Pierre. **As Séries Televisivas**. 1. ed. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2011.
- GARBER, Marjorie. **Bisexuality and the eroticism of everyday life**. Nova York: Editora Routledge, 2000.
- GIDDENS, Anthony. **A transformação da identidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas**. 4. ed. São Paulo: Editora UNESP, 1992.
- GLAAD ANNUAL REPORT. **Where Are We on TV**. Los Angeles: Gay & Lesbian Alliance Against Defamation, 2015. Disponível em: <https://www.glaad.org/whereweareontv15>. Acesso em: 4 dez. 2018.
- GLAAD ANNUAL REPORT. **Where Are We on TV**. Los Angeles: Gay & Lesbian Alliance Against Defamation, 2020. Disponível em <https://www.glaad.org/whereweareontv20>. Acesso em: 3 ago. 2021.
- KELLNER, Douglas. **A Cultura da Mídia**. Bauru: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 2001.
- LINS, Beatriz; MACHADO, Bernardo; ESCOURA, Michele. **Diferentes, não desiguais: a questão de gênero na escola**. 1 ed. São Paulo: Editora Reviravolta, 2016.
- MARCONI, Marina; LAKATOS, Eva. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2003.
- MOURA, Cláudia Peixoto de (org.); LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Pesquisa em comunicação: metodologias e práticas acadêmicas**. Porto Alegre: EDIPUCRS – Editora Universitária da PUCRS, 2016.
- SEFFNER, Fernando. **Derivas da masculinidade: representação, identidade e diferença no âmbito da masculinidade bissexual**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.
- THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- YOSHINO, Kenji. **The Epistemic Contract of Bisexual Erasure**. Califórnia: Stanford Law Review, 2000.